

Tempos sombrios e de resistência: a experiência das mulheres nas Forças Armadas de Libertação Nacional em Ribeirão Preto

Luana Torres Vozzik

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus-Chapecó e bolsista da UFFS

Gerson Wasen Fraga

Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus-Erechim

Introdução/Justificativa

Não foram poucas as mulheres que ousaram e se levantaram contra o período ditatorial de 1964-1985. A prisão, o desaparecimento forçado e a violência física e sexual fizeram parte da experiência feminina nas mãos dos órgãos de repressão do Estado. Dito isso, pretende-se com a futura pesquisa, abordar e analisar, como deu-se a participação das mulheres na luta armada na resistência à ditadura civil-militar, especificamente nas Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), organização que atuou na cidade de Ribeirão Preto- SP¹, entre os anos de 1966 a 1969. Suas tarefas, resistências, desafios na militância naquele momento histórico, bem como as diversas formas de opressão a qual foram submetidas- por enfrentarem de uma só vez duas hierarquias: gênero e poder- serão questões que buscaremos refletir e socializar.

A ditadura civil-militar- aqui considerada como situação-limite, por envolver prática de extermínio, desaparecimento e terror de Estado- acelerou uma série de mudanças na sociedade brasileira: como a inserção e participação das mulheres nos processos políticos e a eclosão de uma série de resistências, entre as quais se destacaram os grupos armados. A formação, os propósitos e atuação dos grupos revolucionários da esquerda brasileira dos anos 1960 e 1970 ocorreram em um

¹ Situada à aproximadamente 300 km da capital paulista, a cidade de Ribeirão Preto, desde o fim do século XIX, foi se estabelecendo como importante centro econômico do país, especialmente em relação à economia agrária. Essa questão só potencializou com o passar do tempo. A ditadura civil-militar em Ribeirão Preto, não atuou diferente dos demais territórios brasileiros. Longe de ser uma cidade pacata do interior, o regime autoritário atuou com muita força na ex-capital da “República dos Fazendeiros”, que se destacou na História pelo perfil conservador e burguês.

contexto em que questões como libertação nacional, resistência armada e revolução eram temas e práticas presentes no cenário mundial. A inserção e participação das mulheres nas diversas frentes de resistência à ditadura civil-militar, especialmente na luta armada, são resultados consequenciais do processo de rompimento secular da opressão de gênero a qual foram, historicamente, submetidas².

A decisão de assumir a militância política nas organizações da esquerda revolucionária expressa a vontade radical dessas mulheres de se entenderem e estabelecerem enquanto protagonistas ativas da história. Adentrar nessas organizações, no entanto, não foi um processo sem custos. Cabe-nos ressaltar que dentro de uma sociedade altamente masculinizada, não foram poucas as barreiras que as mulheres militantes enfrentaram³. As diversas facetas da opressão à mulher na sociedade patriarcal foram reproduzidas no interior dos grupos revolucionários da esquerda e, principalmente, nas mãos dos órgãos de repressão do regime ditatorial.

À vista disso, não foram poucas as mulheres que pegaram em armas na luta contra a ditadura civil-militar. Ridenti⁴ aponta que a presença feminina nas organizações de esquerda reflete um processo de libertação da mulher na medida em que tais grupos proporcionaram uma contestação à ordem estabelecida em todos os níveis. Vindas principalmente do movimento estudantil, as militantes representavam cerca de 18% do total dos integrantes das organizações de esquerda que pegaram em armas contra a ditadura civil-militar. A maioria das processadas em Inquéritos Policiais Militares eram estudantes (186; 32,2%), professoras ou profissionais com formação superior (133; 23,0% e 103; 17,8% respectivamente), constituindo um total de 422 mulheres (73,0%), que podem ser classificadas como de classe média⁵. Completando essa porcentagem, trabalhadoras rurais e urbanas também foram processadas por participação com a esquerda e a luta armada. De acordo com o relatório Brasil: Nunca Mais, 16% dos réus em processos políticos durante a ditadura civil-militar eram mulheres. E esse número sobe para 18,3% se verificados os processos da guerrilha

2 Parte desse enfrentamento está ligado ao debate do movimento feminista de segunda onda que começa a emergir na sociedade brasileira

3 BASTOS, Natalia de Souza. *Mulheres em armas: memória da militância feminina contra o regime militar brasileiro*. Rio de Janeiro, 2004.

4 RIDENTI, Marcelo Siqueira. *As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo*. Ano 1990.

5 RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 1993, p.197. Marcelo Ridenti, com base nos arquivos do projeto Brasil: Nunca Mais, classifica as processadas aqui citadas como pertencentes às “camadas médias intelectualizadas”.

urbana. Para Kreuz⁶ essa percentagem, embora em proporção bem menor que a dos homens, reflete a participação feminina na resistência à ditadura civil-militar em atividades consideradas políticas e na luta armada.

Se formos analisarmos a porcentagem de atuação das mulheres militantes nas Forças Armadas de Libertação Nacional, veremos que essa presença é relevante e significativa e, no entanto, existem apenas um estudo que trata da experiência feminina nesta organização⁷. Isso posto, um dos grandes questionamentos que essa pesquisa se debruçará é: se a participação das mulheres foi e é tão significativa- e não estou apenas falando dos números- por que ainda são tão carentes os estudos que tratam do tema?

A historiografia aponta cada vez mais a necessidade de contemplar os estudos sobre o protagonismo das mulheres na história e no que diz respeito à ditadura civil-militar, temos um desafio ainda maior, pois mesmo com as recentes produções que abordam o tema, a necessidade de avançar ainda é grande. Esta pesquisa, se justifica, portanto, na importância e tarefa de ampliar os estudos dedicados à compreensão do papel das mulheres na história, transpondo o silêncio e a relativa invisibilidade a que sempre estiveram relegadas. O estudo se torna mais relevante ao passo que observamos o cenário atual, tanto de ordem política, quanto social e cultural. Dar visibilidade e voz às mulheres em um contexto em que vivemos o feminicídio, o ódio contra a mulher e entender o que foi um dos períodos mais obscuros de nossa história é também uma forma de resistência, pois o conhecimento quando socializado materializa-se em luta.

Objetivo

- Analisar o período de resistência à ditadura civil e militar em Ribeirão Preto;
- Compreender o processo de criação, desenvolvimento e desmantelamento das FALN;
- Perceber como foi o papel e a participação das mulheres na luta armada nas FALN, investigar a trajetória dessas militantes, suas histórias de vida, dificuldades, limites etc.;

6 KREUZ, Débora Strieder. “Elas têm um outro jeito de ser, de resistir”: a narrativa de mulheres sobre o feminismo e a sua militância durante a ditadura civil-militar brasileira. Pelotas- RS, 2015.

7 TORRES, Luana Gonçalves. **Luta Armada na ditadura brasileira**: a experiência das mulheres nas *Forças Armadas de Libertação Nacional* em Ribeirão Preto. Veranópolis-RS, 2017.

- Analisar as marcas da ditadura na história de vida dessas militantes.

Metodologia

Para entendermos como se deu a inserção das mulheres na luta armada os depoimentos tornam-se extremamente fundamentais. Tem sido com a utilização e apropriação desta ferramenta que o crescente estudo sobre o tema, tem-se tornado possível. A História Oral, toma uma dimensão e importância significativa, ao passo que viabiliza e dar visibilidade àqueles que historicamente estiveram excluídos dos processos históricos. A força da história oral é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou os "derrotados" e que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história⁸.

Como procedimento metodológico, a História Oral busca registrar – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos.

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 1990, p. 1-2).

A utilização da História Oral rompe com os limites e com os métodos tradicionais de pesquisa acadêmica e nos leva a entrar em contato com os grupos que são receptáculos de memória. A coleta, o estudo e o registro destas memórias, ou seja, sua passagem pelas mãos do historiador faz com que elas se transformem em História⁹. Nesse sentido, para a construção do saber histórico sobre grupos específicos, é urgente que estudemos suas memórias. Caso contrário, corremos o risco de perder parte de nossa história.

8 ALBERTI, V., FERNANDES, TM, and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 32.

9 ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. Memórias da luta: a participação feminina nas organizações de esquerda no pós 64. Ano 2008, p.3

Resultados

A participação das mulheres na resistência à ditadura civil-militar nos desafia a tratar da relação de opressão e silenciamento em que historicamente o feminino esteve condicionado. A ousadia das mulheres em romperem com o seu papel estabelecido pela sociedade patriarcal não foi um processo espontâneo, e muito menos sem custos. As mulheres militantes adentraram nas organizações de luta armada e quebraram de uma só vez com duas hierarquias: a de gênero e poder. Retratar as diversas facetas de opressão de gênero e poder ao qual essas militantes foram submetidas- tanto pela esquerda, como e principalmente, pelos órgãos de repressão da ditadura civil-militar- são elementos fundamentais para a construção do que se pretende com a pesquisa.

A importância de conhecer a trajetória de vida e revelar o protagonismo destas mulheres está em ressaltarmos uma infinidade de memórias esquecidas, de mulheres silenciadas. Não se trata, portanto, só de analisarmos a experiência de um ou outra, mas principalmente de entendermos que centenas de mulheres se levantaram contra a ditadura civil-militar e foram assassinadas em sonhos e existência pela política do Estado autoritário. As feridas desse período ainda estão abertas. Esperamos que a pesquisa possa contribuir com os estudos que tratam do protagonismo das mulheres na história.

Referências

ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **Memórias da luta: a participação feminina nas organizações de esquerda no pós 64**. Ano 2008, p.3

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Contemporânea do Brasil, 1990.

ALBERTI, V., FERNANDES, TM, and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 32.

BASTOS, Natalia de Souza. **Mulheres em armas: memória da militância feminina contra o regime militar brasileiro**. Rio de Janeiro, 2004.

KREUZ, Débora Strieder. **“Elas têm um outro jeito de ser, de resistir”**: a narrativa de mulheres sobre o feminismo e a sua militância durante a ditadura civil-militar brasileira. Pelotas- RS,

2015.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. **Tempo Social;** Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 2(2): 113-128, 2. sem. 1990

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira.** São Paulo: UNESP, 1993.

TORRES, Luana Gonçalves. **Luta Armada na ditadura brasileira: a experiência das mulheres nas Forças Armadas de Libertação Nacional em Ribeirão Preto.** Veranópolis-RS, 2017.